

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



Os simpósios luso-brasileiros e as áreas de estudos em cartografia histórica

Fernando Luiz de Paula Santil - flpsantil@uem.br ; João Vitor Meza Bravo - jvbravo@gmail.com ; Estevão Pastori Garbin - estevoepg@gmail.com ; Elissandro Voigt Beier - elissandrovoigt@hotmail.com ;

Simpósio, trabalhos, Cartografia Histórica

Estudos relativos à Cartografia histórica foram iniciados há algumas décadas com trabalhos isolados como, por exemplo, as iniciativas de Damião Peres e Jaime Cortesão. Como se sabe, a representação do território brasileiro teve como preceptores os cartógrafos portugueses do século XV e se iniciou devido à necessidade de elaboração de mapas de navegação para eventual domínio de “novas terras”. Esse período gerou um grande contingente de documentos cartográficos que serviram de base para criação de um fórum de discussão que pôde dar início a uma (re)construção da história e o processo de formação das colônias portuguesas na “civilização da humanidade”. Assim, em setembro de 2005, pesquisadores portugueses e brasileiros dão início ao Simpósio Luso-brasileiro, que ocorreu no Rio de Janeiro. Na ocasião foram apresentadas 32 comunicações que, basicamente, estão centradas na formação do território nacional e, em particular, de cidades, como São Paulo e Vila Rica, com relevância no processo de ocupação e expansão das fronteiras portuguesas. Atendo-se apenas à origem dos temas dos apresentadores, pode-se mencionar que Minas Gerais teve seis trabalhos; em seguida, Rio de Janeiro com três trabalhos; Rio Grande do Sul com dois, e, finalmente, São Paulo, Pernambuco e Paraíba com um cada. Os demais trabalhos abordaram temas específicos como, por exemplo: a carta náutica, técnicas de reprodução e a formação de vilas e cidades do Brasil Colônia. Pode-se concluir que nessa 1ª fase os trabalhos foram desenvolvidos a partir das informações de pioneiros que organizaram os mapas. O II Simpósio Luso-brasileiro, realizado em Lisboa de 25 a 26 de outubro de 2007, trouxe como novidade o uso da tecnologia da informação aplicado ao referenciamento de cartas históricas tornando possíveis análises cartométricas. Dos trabalhos disponibilizados, no caso 24, mantiveram-se as mesmas observações da 1ª fase do evento anterior, e iniciou-se uma nova fase, análises de mapas resultantes de comissões de limites no caso as preocupações políticas e a necessidade de conhecer para dominar, que deram origem a uma cartografia regional, produzida pelo contato direto dos desbravadores com o ambiente geográfico. Nesse momento histórico, em

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

particular, havia por parte da coroa portuguesa preocupação com o controle do interior do país. A contribuição significativa dos levantamentos detalhados das áreas dos domínios da coroa era indispensável à defesa e administração do território, visando também definir melhor suas fronteiras. Cabe ressaltar que a maioria dos trabalhos é de Minas Gerais com quatro; em seguida, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul com um cada. Os demais trabalhos versaram sobre arquivos históricos, carta náutica e sistemas de projeção. De 10 a 13 de novembro de 2009, na cidade de Ouro Preto (MG) foi realizado o III Simpósio. Foram publicados 34 trabalhos dos quais nove são de Minas Gerais; três do Distrito Federal; dois de Rio Grande do Norte; e um trabalho de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Amazonas. Além disso, cinco abordaram o tema coleção, três a respeito de Portugal e do Brasil e uma menção sobre um profissional cartógrafo. A proposta deste artigo não é efetuar uma avaliação qualitativa dos trabalhos, pois os mesmos foram avaliados por um comitê especializado sobre o assunto. Mas é refletir a respeito dos avanços nos estudos de cartografia histórica. Considerando os trabalhos apresentados nesses simpósios, foi possível apontar os seguintes temas e análises: (a) cartografia das fronteiras e dos limites: por intermédio da toponímia se fez a reconstrução de ambientes pretéritos do Brasil no período colonial, sendo um elemento-chave no documento cartográfico pois é uma forma de comunicação cultural implícita. Não foram detectados trabalhos que retratassem aspectos relativos ao grau de abstração utilizado para nomear os lugares e ter isso como um fato relacionado ao grau de afetividade do nomeador com esse objeto. Isto é, incluir nesses estudos as teorias do protótipo e da gestalt, entre outras; (b) arquivos e coleções cartográficas: detectaram-se novas fontes de pesquisa, mas continua-se enfrentando o problema na disponibilização dos materiais cartográficos; (c) novas tecnologias: basicamente esses recursos são destinados apenas às análises cartométricas, sem haver a preocupação com a reconstrução de paisagens e (d) outros temas (como carta náutica, projeção, entre outros): foi o tema que apresentou menor registro de trabalhos. Talvez as solicitações de conhecimentos matemáticos, por exemplo, possam explicar, em parte, esse baixo índice de trabalhos para projeção e cartas de marear. Por outro lado, não foi discutida a relevância das técnicas de reprodução e de realce dos elementos cartográficos, indicadas pelos cartógrafos holandeses, portugueses, quando da elaboração de suas cartas. Merece atenção à produção cartográfica portuguesa e as influências obtidas por outras no registro de seus territórios. Apesar de parecer uma tarefa simples e lógica o processo de tipificação dos trabalhos torna-se um elemento de grande relevância ao passo que revela a evolução dos trabalhos apresentados permitindo ser avaliado o impacto o qual tem o evento para com a comunidade científica.